

Mônica A. Soares Bento

**“Cinememoria:  
a relação entre as pessoas e o Cine Brasil, em Viçosa,  
retratada em um website”**

Viçosa – MG  
2009

Mônica A. Soares Bento

**“Cinememoria:  
a relação entre as pessoas e o Cine Brasil, em Viçosa,  
retratada em um website”**

Trabalho apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Carlos Frederico de Brito d'Andréa

Viçosa – MG  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV  
2009



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto Experimental intitulado *Diante dessa tela passou uma cidade: a relação entre as pessoas e o 'Cine Brasil' de Viçosa*, de autoria da estudante Mônica Aparecida Soares Bento, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Ms. Carlos Frederico de Brito d' Andréa- Orientador  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

---

Prof. Ms. Erivam Moraes de Oliveira  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

---

Prof. Dr. Ítalo I. C. Stephan  
Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFV

Viçosa, 1º de dezembro de 2009

## AGRADECIMENTOS

Em alguns momentos parecia que nunca ia terminar. E agora parece que esses quase quatro anos passaram muito depressa...

Neste momento, não posso deixar de agradecer a Deus e a Nossa Senhora, que me guiaram por todo o caminho. Aos meus pais, pela casa, comida e abraços que foram o descanso depois de dias e noites intermináveis. Aos meus irmãos, pelo exemplo e apoio, e aos meus sobrinhos, por me ensinarem que uma cabana de lençóis cura o cansaço.

Agradeço às meninas (e toda a Macarena), que com um olhar definiam grupos de trabalho e com um filme alegravam os finais de semana, por aturarem a minha preguiça e tranqüilidade. Os trabalhos não teriam sido tão bons e a UFV não teria a mesma graça sem vocês! Aos amigos de longa data, agradeço pela opinião, pelas risadas, pelos links e por compartilharem os sonhos mais insanos.

Este trabalho não seria possível sem a paciência e o apoio do professor e orientador Carlos d'Andréa; sem a ajuda do Luiz Eduardo (primo-amigo que sempre respondia “sim” quando eu pedia a câmera, o gravador, o scanner ou só companhia...); e sem as felizes distrações proporcionadas pela Fernanda e pela Mariana (que, apesar da culpa, me permitiram pensar em outras coisas que não o Cine Brasil). A eles, muito obrigada! E agradeço também e especialmente àqueles que, com boa-vontade e atenção, fizeram esse trabalho se tornar realidade: os entrevistados.

Enfim, agradeço à família, aos amigos e todos aqueles que, mesmo distantes, torceram pra que tudo desse certo. E à UFV, palco de bons momentos que ficarão sempre guardados.

“Antes de mais nada, fica estabelecido que ninguém vai tirar o meu bom humor.”

**[ Fernando Sabino ]**

“São as nossas escolhas que revelam o que realmente somos, muito mais do que as nossas qualidades.”

**[ J. K. Rowling ]**

“Eu tenho muita coisa na cabeça  
Eu penso em todas as coisas a serem descobertas  
Eu espero que haja alguma coisa a descobrir  
Procurando pelo tempo que passou muito rápido”

**[ Paul McCartney ]**

“Qualquer homem, mulher, criança podia comprar seu ingresso, entrar aqui. ‘Sim senhor, sim senhora. Aproveite o espetáculo’. E eles entrariam em um palácio, como em um sonho, como no paraíso. Talvez você tivesse preocupações e problemas lá fora, mas assim que você entrasse por essas portas, eles não importariam mais. (...). Eu vou te dizer, em um lugar como esse, a mágica está por todo lado.”

**[ Michael Sloane – “Cine Majestic” ]**

## **RESUMO**

O presente projeto experimental trata da história do Cine Brasil, sala de cinema que funcionou na cidade de Viçosa (MG) de 1956 a 1985, através da criação do website “Cinememoria”. O trabalho procura discutir o papel dos meios de comunicação – especificamente do jornalismo e dos meios digitais - como agentes de preservação de memória. Ele trata também da relação entre o cinema (e suas salas de exibição) e a sociedade, buscando discutir questões ligadas à importância da memória para a formação da identidade individual e coletiva de grupos sociais, e ainda a relação entre a memória e o patrimônio histórico como fatores constituintes da identidade.

Como resultado da pesquisa, foi proposta o desenvolvimento de um website, chamado “Cinememoria” ([www.cinememoria.com.br](http://www.cinememoria.com.br)), onde a história do Cine Brasil é contada a partir de documentos, fotos e de relatos de seus antigos frequentadores. O site utiliza elementos e ferramentas do multimídia – textos, áudios, imagens e vídeo – para contar a história do cinema de sua construção à sua decadência.

## **PALAVRAS – CHAVE**

Cinema, memória, jornalismo multimídia

## **ABSTRACT**

This experimental project deals with the history of Cine Brasil, a movie theater that used to be opened in the city of Viçosa (MG) from 1956 to 1985, through the development of the website “Cinememoria”. The work intends to discuss the place of the media – especially journalism and the digital media – as agents of memory preservation. It also talks about the connection between cinema (and the movie theaters) and society, intending to discuss questions related to the importance of memory for the construction of the individual and collective identity of social groups, and also the connection between memory and historical patrimony as constitutive factors of identity.

As a result of the research, it was proposed the development of a website, called “Cinememoria” ([www.cinememoria.com.br](http://www.cinememoria.com.br)), where the history of Cine Brasil is told based in documents, photos and the spoken stories of the old attendees. The website uses multimedia elements and tools – texts, audios, images and video – to tell the history of the movie theater from the building to the decadence.

## **KEY WORDS**

Cinema, memory, multimedia journalism

## Lista de Figuras

<b>Figura 01 – Aspecto Lateral do Cine Brasil na década de 1960 .....</b>	<b>10</b>
<b>Figura 02 – Fachada do Cine Brasil – sem data.....</b>	<b>10</b>
<b>Figura 03 – Reprodução da Página Inicial.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 04 – Reprodução da Página Inauguração.....</b>	<b>35</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
1.1 Cine Brasil: uma proposta de trabalho .....	10
<b>2. DISCUSSÃO TEÓRICA.....</b>	<b>11</b>
2.1 Memória e Patrimônio .....	11
2.2 Cinema, memória e cidade .....	14
2.3 Comunicação e Memória.....	16
2.3.1 Jornalismo Multimídia.....	19
<b>3. RELATÓRIO TÉCNICO.....</b>	<b>21</b>
3.1 Coleta de Dados.....	22
3.1.1 Entrevistas.....	23
3.1.2 Arquivos.....	29
3.1.3 Edição.....	31
3.2 Construção do Site.....	31
3.2.1 Hospedagem .....	31
3.2.2 Ferramentas.....	32
3.2.3 Conteúdo.....	33
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>38</b>
<b>ANEXOS</b>	
Anexo I .....	41
Anexo II .....	42
Anexo III .....	43

## 1. INTRODUÇÃO

Pessoas de diferentes famílias, origens, classes sociais, crenças, convivem nas cidades. Dentro das cidades, alguns espaços de convívio agregam todos os tipos de indivíduos que compartilham gostos e vontades. As salas de cinema são uns desses espaços. Centenas de pessoas sentadas, diante de uma tela, vivenciando juntas as emoções alheias. Seja como entretenimento, seja como arte, o cinema conseguiu desde o seu início juntar diferentes pessoas em um ambiente “mágico” onde tudo parecia possível, ganhou lugar de destaque nos centros das cidades e se tornou uma das mais baratas formas de lazer. A partir da década de 1970, entretanto, as salas de cinema perderam seu charme e seu espaço nos centros das cidades. Um período considerado de decadência para os cinemas em todo o Brasil, e com reflexo direto na cidade de Viçosa, que viu salas de cinema (algumas que funcionavam também como teatro) fecharem suas portas, deixando uma opção a menos de diversão para os moradores.

Dentre os trabalhos de conclusão de curso dos estudantes do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV poucos tratam da cidade de Viçosa. É compreensível, visto que grande parte dos alunos do curso mora na cidade apenas para estudar na UFV, não tendo vínculos maiores ou passados com Viçosa. Como ‘nativa’ da cidade, pretendi desenvolver um trabalho que se propunha a preencher essa lacuna, tendo a cidade, ou pelo menos um de seus aspectos, como objeto de estudo e produzir um trabalho que, de alguma maneira, fosse útil a população.

Acreditamos que a Comunicação Social deve ser um instrumento a serviço do público, das comunidades, e em escala mais geral, a serviço dos cidadãos. A utilização de uma ferramenta de comunicação para preservar a memória e/ou o patrimônio de uma cidade parece atender bem a essa função da Comunicação Social. Utilizando dos conhecimentos adquiridos durante a graduação em Jornalismo – técnicas de apuração e pesquisa jornalística, entrevistas, edição de áudio e vídeo – e aproveitando as possibilidades oferecidas pela internet e seus aspectos multimídia, desenvolvi como projeto experimental de conclusão de curso um website sobre o Cine Brasil, que funciona como ferramenta de auxílio à recuperação da memória da cidade de Viçosa.

## 1.1 Cine Brasil: uma proposta de trabalho

Viçosa é uma cidade de cerca de 70 mil habitantes<sup>1</sup>, e atualmente oferece a seus moradores poucas opções de lazer. Espaços como parques públicos, teatros, salas de cinema, inexistem ou são bastante escassos. Dizer que as opções de lazer da cidade estão diretamente atreladas à Universidade Federal de Viçosa e a um público um tanto quanto restrito (bares, festas, etc., que atendem principalmente aos estudantes universitários) talvez não seja um exagero.

Atualmente Viçosa conta com uma sala de cinema, que está localizada dentro do shopping da cidade. Ao longo de seus quase 138 anos a cidade teve outras salas de cinema, sendo a primeira delas construída em meados da década de 1930. A população viçosense sempre foi ávida por experimentar as emoções proporcionadas pelo cinema e também pelos cines-jornais veiculados na época.



Figura 01: Aspecto lateral do Cine Brasil na década de 1960.  
Imagem: Arquivo Tony Mello



Figura 02: Fachada do Cine Brasil – sem data  
Imagem: Arquivo Tony Mello

Em 1956 foi inaugurado o Cine Brasil, uma sala de cinema com 660 assentos e um palco que recebia teatros, shows, cerimônias acadêmicas, dentre outras situações, tudo em uma época em que a população da cidade era de cerca de 20 mil habitantes. A sala de exibições pertencia ao Circuito de Cinemas Brasil Ltda, uma empresa com sede em Ubá e que chegou a ter cinemas em mais de 20 cidades da Zona da Mata mineira. Em Viçosa, o Cine Brasil co-existiu com outros dois cinemas, o Cine Odeon e o Cine Marajá (que posteriormente teve o nome alterado para Cine Prisma). No início da década de 1990, porém, nenhuma das

<sup>1</sup> Informações do site da Prefeitura Municipal de Viçosa, disponível em <<http://www.vicoso.mg.gov.br/?area=conteudo&secao=5>> Acessado em 18 de junho de 2009.

três salas de cinema atendia mais aos viçosenses, tendo perdido público e importância como alternativa de lazer na cidade. Após o fechamento dos cinemas, seus prédios ou ficaram abandonados por algum período de tempo, ou foram apropriados para outros fins comerciais. A Universidade Federal de Viçosa abriga, já há alguns anos, uma pequena sala de projeção onde funciona o Cine Carcará, mas este não se inclui como um típico representante das salas de cinema da cidade.

Na década de 90 um movimento de moradores da cidade propôs que o prédio onde funcionou o Cine Brasil fosse transformado em espaço cultural destinado a receber e abrigar manifestações artísticas na cidade. O decreto municipal nº 3263, do ano de 1995, declarava o prédio de “utilidade pública”. O decreto previa a desapropriação do prédio a fim de que nele fosse criado o “Centro de Cultura de Viçosa”, mas questões políticas e econômicas acabaram por superar o interesse sócio-cultural do projeto.

A proposta da criação do website “Cinememoria” é tratar, utilizando de ferramentas multimídia, da relação do público frequentador com o espaço de interação social que foi o Cine Brasil, apresentando aspectos da sala desde a sua inauguração até a posterior decadência desse ambiente. Histórias não documentadas se perdem com o passar dos anos, deixando vagos trechos da memória coletiva. À medida que o tempo em que os eventos acontecidos ficam para trás, os portadores das memórias acerca deles também vão se ‘perdendo’. O projeto experimental procurou ser uma maneira de permitir que tais memórias permaneçam vivas, chegando àqueles que não as vivenciaram, mas que podem fazer uso delas para tomar conhecimento de uma época passada. Registrando as memórias dos que conheceram e frequentaram o espaço permite-se que aqueles que não viveram o período possam compreender melhor o passado que nos formou.

## **2. DISCUSSÃO TEÓRICA**

### **2.1 Memória e patrimônio**

Assim, não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda.

(HALBWACHS, 2006, p. 170)

O espaço físico, natural ou construído, é o palco necessário para que as memórias se manifestem. Independente da explicação neurocognitiva para essa necessidade, a certeza que se pode ter é a de que a importância dos lugares é determinada pela memória que deles emana, seja essa memória individual ou coletiva. Pollak (1992) fala sobre a existência de “lugares da memória”, que seriam os lugares que remetem a lembranças afetivas e que são marcantes no que se refere às memórias individuais, ou que servem de apoio da memória pública, por exemplo os monumentos de comemoração de vitórias em batalhas, que servem para “lembrar” as pessoas de um período que elas não necessariamente viveram.

Como consequência dessa relação entre espaço e memória, pode-se concluir que a identidade de um grupo está então ligada também ao espaço em que ele se encontra (ou ao espaço a que ele originalmente pertence). É muitas vezes a delimitação de um espaço físico (seja ele uma construção ou uma paisagem), com suas características particulares, que permite aos habitantes de determinado lugar se localizarem e se identificarem como pertencentes a ele. Falando especificamente das cidades, Choay aponta:

Ao longo dos séculos e das civilizações, sem que aqueles que a construíam ou nela viviam tivessem intenção ou consciência, a cidade desempenhou o papel memorial de monumento: objeto paradoxalmente não elevado a esse fim, e que, como todas as aldeias antigas e todos os estabelecimentos coletivos tradicionais do mundo, possuía, em um grau mais ou menos restrito, o duplo e maravilhoso poder de enraizar seus habitantes no espaço e no tempo.

(CHOAY, 2006, p. 181)

Uma nova questão se coloca, então, relativa à preservação da memória: a preservação dos espaços físicos. Se anteriormente falou-se sobre a memória como formadora da identidade, mas não se destacou de que modo essa memória chegou aos indivíduos, agora sabe-se que o local onde os eventos se originaram - onde a história (no sentido de eventos passados) aconteceu - é de fundamental importância para a formação e manutenção dessa memória ativa.

No Brasil, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é o órgão responsável por proteger, seguindo regulamentação definida internacionalmente, bens materiais móveis - documentos, acervos bibliográficos e fotográficos, dentre outros - e imóveis, como os “núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais”. O IPHAN cuida também, desde o ano 2000, do registro de bens imateriais, que procura assegurar a preservação práticas, técnicas e manifestações artístico-culturais específicas de um

grupo. Segundo o site do IPHAN<sup>2</sup>, “o Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade (...)”. O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, o IEPHA, cuida do patrimônio em âmbito estadual; o Conselho Municipal de Cultura e do Patrimônio Cultural e Ambiental de Viçosa é o responsável na cidade.

O fato de haver um instituto nacional apenas para isso torna inegável a importância que a preservação do patrimônio tem para nossa sociedade. Mas Choay (2006) chama a atenção para um processo pelo qual os patrimônios passam na contemporaneidade:

Por sua vez, os monumentos e o patrimônio histórico adquirem dupla função – obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos; mas também produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos. A metamorfose de seu valor de uso em valor econômico ocorre graças à “engenharia cultural”, vasto empreendimento público e privado, a serviço do qual trabalham grande número de animadores culturais, profissionais da comunicação, agentes de desenvolvimento, engenheiros, mediadores culturais.  
(CHOAY, 2006, p. 211)

Os “lugares de memória” pública e coletiva são mercantilizados, apropriados pela chamada indústria cultural e passam a ser vistos como produtos culturais, o que leva a sua comercialização (por exemplo, através da cobrança de ingressos para visitação determinados lugares). Ribeiro e Barbosa (2007, p. 104) acreditam, entretanto, que “dizer que as práticas mnemônicas da contemporaneidade são marcadas pela mercadorização e espetacularização não significa, no entanto, que inevitavelmente se banalize o passado. Tudo depende do contexto e das estratégias específicas de representação”, ou seja, o modo como se lida com o patrimônio (com a preservação da memória) e o modo como as pessoas o entendem será definidor da relação delas com o passado.

No entanto, é preciso que se tenha cuidado para que o patrimônio não seja colocado como algo distante do grupo, como um lugar ou objeto grandioso e que deve ser admirado, mas que não se compreende o porquê. Ele deve integrar a realidade daqueles que fazem dele um patrimônio, ou seja, das pessoas que estão ligadas a ele por sua história e sua memória. Oliveira (2003) descreve bem o modo como deve ser visto e utilizado o patrimônio espacial:

---

<sup>2</sup> [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br), acessado em 24 de maio de 2009.

(...)onde, a partir da ação social nestes lugares cristalizados, institucionalizados, há a possibilidade de criação de espaços de relações. Relações estas que são infinitamente mais ricas do que um lugar fechado em si mesmo. Desta maneira, os espaços destes lugares estariam sujeitos a várias apropriações e significações que se dariam através das práticas sociais nele desenvolvidas.

Para além de um sentido estático que por vezes, ou por vício ou mesmo por ingenuidade, caracteriza o património, deve-se se pensar este como um espaço em que se constituem práticas sociais.

(OLIVEIRA, 2003)

É levantada então a questão da educação para a preservação do património. É preciso que os membros do grupo compreendam a relação entre a memória e o património, de modo que se entenda a importância da preservação do património como meio de se preservar a memória (e conseqüentemente a própria identidade do grupo). Quando essa cadeia de compreensão estiver estabelecida, o espaço de memória deixará de ser, como muitas vezes acontece, um espaço do passado e se tornará um espaço em uso, um espaço de memória também do presente.

O desafio que surge, então, é o de como, de maneira “fluida”, preservar a memória dos lugares e levá-la a conhecimento público, disseminá-la, impedi-la de se tornar “peça de museu”, possibilitando que ela se apresente aos que vivem nos lugares (e convivem neles) como parte ativa e constituinte do presente.

## **2.2 Cinema, memória e cidade**

Ir ao cinema é uma experiência social que acontece em um espaço específico. A sala de cinema se constitui em um espaço social da cidade, parte integrante de sua composição e repleta de representantes de toda a natureza humana que a compõe. Investigando-se a interação dos moradores da cidade e sua relação com os ambientes que dela fazem parte, pode-se entender os caminhos pelos quais a cidade passou para se tornar o que é hoje, o que percorreu e o que aconteceu nesse trajeto que a trouxe até aqui. Como bem aponta Casé (2000, p. 92), as cidades são como palcos e “em suas áreas públicas e privadas interagem os atores urbanos, desenvolvendo e acumulando experiências que constituem a essência da História da Humanidade”. Casé (2000, p. 95) discute a importância das praças públicas como espaço de socialização e formação da história das cidades, mas sua afirmação resume bem o valor de pesquisas e trabalhos como este quando diz que “a cidade reacende sua memória quando perpetua a lembrança dos atores urbanos que ela abrigou”.

O presente trabalho aborda a relação entre cinema e sociedade, no caso específico as transformações pelas quais a sociedade de Viçosa passou ao longo da segunda metade do século XX. De uma cidade com pouco mais de 20 mil habitantes e população majoritariamente rural em 1960 para um núcleo urbano de mais de 60 mil habitantes na década de 2000, Viçosa passou por modificações profundas no modo como as pessoas se relacionam e ocupam seu tempo de lazer. Mas desde o início da década de 30 uma atividade se destacava como opção de diversão para os viçosenses:

Falar em cinema numa cidade de interior é falar de um acontecimento social da maior relevância. Pelo menos chegou a ser assim em Viçosa, em que ir ao cinema era sempre precedido de rituais particulares, onde a confecção de roupas novas apontava a importância de tal finalidade.  
(CINEMA: a nostalgia da grande arte. Jornal Tribuna Livre, 1994)

E não só nas cidades de interior, mas por todo o Brasil, a partir do começo do século passado o cinema passou a fazer parte do cotidiano e se constituiu num importante modificador dos costumes e hábitos. De acordo com Simões (1990, p. 11):

Não seria exagero afirmar que o cinema nos colocou em contato com a técnica moderna do século XX, determinando nosso ingresso na esfera da indústria cultural, a partir daí influenciando os hábitos e padrões de comportamento da população, que passe a se identificar com ídolos e estrelas, copiando penteados e perfis de bigodes, maneiras de andar, beijar, de sorrir, antecipando o que aconteceria décadas depois sob o poder acachapante da televisão.  
(SIMÕES, 1990, p. 11)

A importante função desempenhada pelo cinema como agente de transformação social não se limitava às ações visíveis nas telas, mas estava também implícita na arquitetura dos prédios construídos especialmente para abrigá-los, transformando os espaços em “templos” de um espetáculo quase sobrenatural, onde tudo era mágico e possível.

Simões (1990) chama a atenção ainda para como os cinemas não só modificam como também refletem as modificações das sociedades: o surgimento de cineclubes em ambientes universitários, a ascensão de cinemas dedicados a filmes de arte em momentos de mudanças políticas, dentre outras situações. Simões é autor de um livro que reuniu fotos antigas e atuais de cinemas de rua da cidade de São Paulo, aliando relatos pessoais aos de antigos frequentadores.

Almeida e Butcher (2003) relatam que em 2003 havia cerca de 1,7 mil salas de cinema no Brasil, enquanto em 1975 eram 3,5 mil salas. O período de declínio do cinema no Brasil, tanto da produção cinematográfica quanto do parque exibidor, pode ser explicado por diversos fatores como o surgimento de alternativas de lazer mais baratas, notadamente a popularização da televisão e posteriormente do videocassete, e por questões políticas relacionadas aos modos de divulgação e exibição dos filmes. O fato é que:

Com a chegada do multiplex, o parque exibidor brasileiro saiu de uma situação de retração. Num primeiro momento, anterior ao multiplex, houve o fechamento de muitos cinemas de rua e a transferência das salas para dentro de shoppings, num período em que quesitos como segurança e oferta de lazer concentrado para a toda a família num único espaço passaram a ter grande peso na decisão do consumidor (...)  
(ALMEIDA e BUTCHER, 2003, p. 18)

Mas como consequência dessa passagem dos cinemas de espaços suntuosos de entretenimento barato, disponível “na porta da rua”, para mais um local dentro dos “templos do consumo” que são os shoppings, o parque exibidor acabou por “optar por ingressos de preços altos para os antigos padrões do país, solidificou o processo de elitização de seu público” (ALMEIDA e BUTCHER, p.59).

## **2.2 Comunicação e Memória**

Muito já se discutiu sobre qual seria o papel da comunicação social na sociedade: retratar o que nela acontece, pautar o que deve ser discutido, mediar as informações passadas de um grupo a outro. A comunicação e as ferramentas de que dispõe podem servir também para auxiliar a preservação da memória, ainda se constituindo como mediadora de informações, mas não de sua transmissão entre um grupo e outro e sim entre um período e outro.

O desafio de como preservar a memória sem distanciá-la de seus próprios protagonistas se apresenta para diversas áreas do conhecimento. A Arquitetura e a Engenharia, por exemplo, podem se debruçar sobre a questão da integridade física dos espaços (no caso do patrimônio material); a Antropologia pode pensar como manifestações culturais devem ser mantidas, porém atualizadas (pois cada manifestação, ainda que remetendo ao passado, se apropria também de elementos do tempo em que ocorre); dentre

outras áreas. Santos (2005) indica os relatos diretos, a história oral, como fonte e instrumento primeiro e essencial de preservação da memória ao mesmo tempo que a atualiza, a aproxima do momento que se vive (ela reatualiza no momento do relato):

(...) entendemos que a memória, individual ou coletiva, necessária à atualização da percepção da realidade, é o que torna possível compreensão das transformações operadas na sociedade. Um relato, fundado na memória, é uma forma de superar esquecimentos, de reelaborar significações e (re)estabelecer relações com o passado, permitindo apreender a dinâmica da própria sociedade.  
(SANTOS, 2005, p. 5)

Mas Lévy (1993) aponta que o tempo da oralidade primária, direta, foi sobreposto pelo da escrita, pelo tempo dos registros. E se a memória como capacidade de armazenar informações não-escritas diminuiu, a capacidade de registros de longo-prazo, de se guardar momentos de história, ampliou-se consideravelmente. É relacionada a essa “função armazenadora” que aparece o papel da mídia e dos meios de comunicação no auxílio à preservação da memória.

Uma breve análise aponta diversos caminhos e campos de atuação da comunicação como instrumento de preservação ou de auxílio à preservação do patrimônio e da memória. No campo da ficção, por exemplo, minisséries televisivas sobre períodos históricos reforçam ou “criam” memória na cabeça daqueles que viveram o período ou de que dele apenas “ouviram falar”, e reaviva o interesse das pessoas pelo período retratado e tudo o que ele implicou. O estudo de como e porque esse interesse surge fica reservado às teorias da comunicação, mas é inegável que a história e os locais onde ela ocorreu surgem vivos, habitados, e se fazem de novo presentes no dia a dia dos espectadores. Fora do campo da ficção, o resgate da memória pode se dar na medida em que explicações de fenômenos do presente são encontradas com base no passado. Como exemplo disso tem-se as biografias e os livros-reportagem que se dedicam a pessoas, temas e lugares do passado, contextualizando e recuperando a importância que eles tinham em seu tempo.

Outros exemplos de usos da memória de maneira viva são os documentários, de foto ou vídeo, e os sites que valorizam a história de lugares e das pessoas que nele vivem (ou por eles passam). A web tem se mostrado bastante eficiente como ferramenta de preservação de memória na medida em que torna público, a um custo relativamente baixo, o patrimônio que

se queria preservar. Se de qualquer lugar do mundo for possível conhecer determinado patrimônio será mais fácil conseguir adeptos da causa de sua preservação.

Através da história oral, do resgate da memória pessoal dos indivíduos, pode-se construir um panorama de uma situação ou de uma época e (re)vivenciá-la a qualquer momento. Thomsom, Frisch e Hamilton (2006) acreditam que “há uma última dimensão em que os campos da história e da memória se entrelaçam, uma dimensão em que a história oral tem tido especial importância, não tanto por seus produtos, mas mais por seus processos: pelo envolvimento maior na recuperação e na reapropriação do passado que a história oral possibilita.” Esse “reviver” da memória parece ser o aspecto de maior importância quando se pensa nos usos da história oral.

Se a comunicação se estabelece como meio de preservar a memória, é ainda meio de pensá-la, de refletir sobre os aspectos que constituíram a memória e a identidade de um grupo como ele é. Pollak (1992, p. 5) afirma que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva”, ou seja, o resgate da memória seria também um importante fator de formação de ligações entre os grupos que compõem determinada comunidade.

Os usos da comunicação parecem ilimitados com os avanços tecnológicos testemunhados a todo momento. As “Novas Tecnologias de Informação e Comunicação” (NTICs), mais especificamente a internet, parecem trazer diversas possibilidades a serem exploradas. A utilização das diferentes ferramentas que ela oferece, como áudio, vídeo, fotos e textos, amplia as referências dadas aos usuários e abre portas para uma maior aproximação com as experiências da “realidade”. A web é um meio recente, mas parece funcionar bem como instrumento a serviço da preservação da memória, uma vez que torna público, permite o acesso, a um custo relativamente baixo (para o usuário e mesmo para o produtor do conteúdo e responsável pela publicação), ao patrimônio e/ou à memória que se quer preservar.

A internet, atuando como um depósito e como “produtora” de memória, pode ajudar a definir e a reforçar as características de uma localidade. Segundo d’Andréa (2005), “no processo de valorização e reconstrução das características locais, comunidades que habitam um espaço comum ou indivíduos que tenham interesse nos acontecimentos dessa localidade podem recorrer às novas tecnologias para reativarem as ligações que os identificam”. Utilizando as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, possibilita-se que os integrantes de uma comunidade tenham uma relação mais estreita com alguns elementos que

os constitui (ou ajudaram a constituir) como parte daquela comunidade, além de expor esses elementos a um grupo ilimitado de pessoas, que não compartilham o mesmo espaço físico “localidade” e talvez jamais o tenham feito, mas que se interessa pelos elementos que o define. Dessa forma, são criadas ligações interpessoais, por meio virtual, que ajudam a manter a cultura e a memória daquela comunidade.

As possibilidades de utilização das NTICs no jornalismo são muitas e ainda pouco exploradas. E as ferramentas dessas Novas Tecnologias devem se limitar a isso – serem ferramentas – e não terem mais destaque do que a informação que, em tese, deveriam transmitir. Falando de infográficos multimídia - uma das formas de uso das Novas Tecnologias aplicadas ao jornalismo -, Lima Junior (2008) ressalta que “a chave é usar o formato de mídia (vídeo, áudio, fotos, texto e animação) apresentando segmentos da história de uma forma atraente e multiconectados entre si”, de maneira que os usuários terminem sua “leitura” compreendendo melhor o conteúdo, e não perdidos em meio a uma profusão de informação divididas em um excesso de ferramentas.

### **2.3.1 Jornalismo Multimídia**

Com o surgimento das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, o jornalismo precisou se adaptar, adequar-se às novas demandas do público e oferecer um conteúdo diferenciado daquele dos jornais tradicionais.

De acordo com Palacios (2003), o webjornalismo apresenta seis características - multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e instantaneidade – abaixo explicadas:

- Multimídia: faz-se presente através do uso de mídias variadas (texto, áudio, vídeo, infográficos, mapas, etc.) na construção do conteúdo jornalístico e na sua disponibilização em plataformas diversas. Ela não aparece pela primeira vez no webjornalismo (a televisão já faz uso do vídeo associado aos gráficos, por exemplo, há anos), mas é potencializada pelo meio.

- Interatividade: é a relação de troca e as diversas formas de contato estabelecidas entre o leitor/usuário e o produtor da informação (por exemplo: emails, caixas de comentários, chats, etc.).

- Hipertextualidade: se dá através da utilização dos links, que conectam e direcionam as informações e os diversos conteúdos disponíveis na internet. O uso dos links constitui uma

espécie de cadeia não-linear de informações, ou seja, todo o material está ligado, porém disperso em várias direções. A utilização dos links no webjornalismo permite que outras informações (por exemplo, textos de outros sites) e materiais complementares ao conteúdo principal (imagens, vídeos, áudios) estejam disponíveis para os usuários/leitores que desejarem consultá-las e ampliarem seu conhecimento sobre o assunto. A informação pode ser acessada e obtida em variados níveis, de acordo com o interesse de cada um.

- Personalização: pode ser identificada em sites que possibilitam que o leitor /usuário adapte ou selecione o conteúdo oferecido em um site, por exemplo, de acordo com seus gostos; funciona como um filtro de interesses. O conceito de personalização também abrange a possibilidade de escolha do aspecto visual que mais agrada ao usuário.

- Memória: diz respeito à capacidade quase ilimitada do meio digital (especificamente a Web) armazenar informações. Além do acúmulo de conteúdo, a internet permite a sua troca, tornando informação e conhecimento parte de um ambiente comum, disponível para consulta. O jornalismo (os produtores e os usuários) se beneficia da possibilidade de produzir mais, agregando conteúdo ao que já foi produzido. Para Palacios(2003), a memória trazida pelo webjornalismo seria algo similar a tornar público os acervos dos jornais.

- Instantaneidade: o webjornalismo, graças às tecnologias próprias do suporte digital, permite que as atualizações aconteçam de forma mais rápida. Isso pode gerar um fluxo constante de novas informações disponíveis sobre determinada situação, no momento em que esta ocorre.

As características do webjornalismo permitem e levam à criação de um conteúdo/produto diferenciado do jornalismo tradicional. É o caso das reportagens multimídias. Geralmente abordando assuntos menos factuais do que os apresentados no jornalismo diário, as reportagens multimídia se apropriam das características do meio digital e do webjornalismo para desenvolverem um conteúdo dinâmico e aprofundado, utilizando as várias ferramentas oferecidas pelo meio. As reportagens multimídia podem fazer uso de texto, áudio, vídeo e imagem, dentre outros recursos, e Ribas (2006) acredita que “em realidade, a reportagem multimídia assemelha-se a um micro website, ou melhor, constitui uma micronarrativa multimidiática e interativa”.

A narrativa multimídia acaba por subverter um modelo de redação do jornalismo tradicional: a pirâmide invertida, um modelo que coloca na abertura da matéria, no “topo”, aquilo considerado mais importante, e dispõe o resto das informações pelo resto terminando

com o que é menos interessante. Na reportagem multimídia, “em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação” (Canavilhas, 2006). Com o webjornalismo, e mais especificamente nas reportagens multimídia, uma nova lógica de leitura pode ser criada por cada usuário.

Como exemplo dessas reportagens e do espaço que elas têm ganhado no webjornalismo, pode-se citar “Crônicas de uma catástrofe”<sup>3</sup>, que conta a história de um derramamento de agrotóxico no Rio Paraíba utilizando textos, áudios, vídeos e até mesmo abrindo espaço para comentários dos usuários/leitores. Um dos jornalistas responsáveis pela reportagem, André Deak, divulgou em seu site pessoal os bastidores do projeto<sup>4</sup>. Ele relata o processo de apuração e construção da matéria, os equipamentos usados (gravador digital, câmera digital, uma câmera de vídeo mini-DV e dois notebooks com internet 3G) e os recursos necessários para fazê-la. O tempo de produção não foi maior por se tratar de uma reportagem multimídia, e nem o custo de disponibilizá-la foi alto (pois na maior parte das vezes utilizaram ferramentas gratuitas disponíveis na internet). O resultado final foi publicado em revista impressa e disponibilizado, na íntegra (as entrevistas e todo o material coletado, e que ficou de fora da versão impressa), na internet.

Já o site da “Agência Brasil”, pertencente à Empresa Brasil de Comunicação, dedica uma sessão, denominada “Grandes Reportagens”<sup>5</sup>, às matérias que se debruçam, com um cuidado estético e de produção, utilizando linguagens diferenciadas, sobre assuntos variados (que tratam desde a vida no desolado Haiti até o que é Consumo Consciente).

### **3. RELATÓRIO TÉCNICO**

Através de relatos orais recolhidos por meio de entrevistas de áudio e vídeo, utilizando fotos de arquivos pessoais, o objetivo do projeto foi abrir um espaço onde os moradores, aqueles que vivenciaram as histórias contadas, pudessem se manifestar e registrar suas memórias do Cine Brasil nas décadas de 1950 a 1980.

---

<sup>3</sup> Reportagem disponível em < <http://www.revistaforum.com.br/casoservatis/site/> >. Acesso em 10 de novembro

<sup>4</sup> Disponível em < <http://www.andredeak.com.br/2009/03/21/making-of-cronica-de-uma-catastrofe-ambiental/> > Acesso em 10 de novembro de 2009

<sup>5</sup> Disponível em < <http://www.agenciabrasil.gov.br/listagem-grandes-reportagens> > Acesso em 10 de novembro de 2009.

No website a intenção é explorar diversas ferramentas, como áudio, vídeo, texto e fotografias, a fim de criar um panorama de como era a Viçosa e como era frequentar o Cine Brasil. Além dos relatos de pessoas que viveram na época, aspectos como a arquitetura do prédio e o período histórico vivido pela cidade foram abordados.

O projeto do website Cinememória começou a ser colocado em prática no mês de agosto de 2009. Algumas definições e alterações foram feitas em relação ao pré-projeto apresentado na disciplina COM 390 – Pesquisa da Comunicação, como a limitação da abrangência do conteúdo do site. A princípio ele trataria de todos os cinemas que Viçosa já teve, mas por fim preferimos nos ater ao Cine Brasil.

### **3.1 Coleta de Dados**

A primeira etapa do processo prático foi o recolhimento de materiais: fotos, depoimentos e documentos (obtidos em arquivos).

No dia 14 de agosto fui à Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Patrimônio, a fim de procurar registros sobre o prédio que abrigou o Cine Brasil (atual Sacolão Center). A chefe do Departamento de Patrimônio, Arquivo e Memória na época, Patrícia Maria Fialho Álvares, informou que a prefeitura não tem o registro do imóvel, mas que um Inventário do prédio havia sido feito por dois estagiários da secretaria no início do ano. Uma cópia do Inventário do Cine Brasil me foi enviada por email e uma cópia do Inventário do prédio onde hoje funciona a Igreja Universal do Reino de Deus, e antigamente funcionava o Cine Odeon, me foi entregue na hora. Os documentos contêm a informação de que os dois imóveis pertenciam ao Circuito de Cinemas Brasil Ltda., de propriedade de Augusto Marques, e que após o fechamento da empresa e a morte do dono, cada imóvel ficou de herança para um filho. O prédio do Cine Brasil pertence hoje à Maria Luiza Brascine Marques, que vive na cidade de Ubá, e é representada em Viçosa por Edmar Chiapeti de Souza, da Imobiliária Líber.

Com essas informações obtidas através do Inventário, procurei a imobiliária, imaginando conseguir o contato da Maria Luiza Marques e tentar marcar uma entrevista com essa que seria uma das fontes mais “oficiais” do trabalho. Falei com o representante, que me disse que pediria a ela autorização para me passar o contato. Alguns dias depois, o procurei novamente e ele me informou que ela não o havia autorizado. Ela disse que não possuía nenhum documento ou registro fotográfico do prédio quando ainda era o Cine Brasil, que

havia se desfeito deles após a morte de seu pai, e ela não tinha interesse em conversar sobre o assunto.

Após as tentativas sem resultado de fazer contato com a atual proprietária do prédio e filha do dono do Circuito de Cinemas Brasil, resolvi procurar as outras fontes. Juntamente com o meu orientador, havíamos estabelecido que as fontes deveriam estar relacionadas, cada uma a seu modo, com a história do Cine Brasil, e também deveriam abranger áreas diversas que seriam importante para a formação do conteúdo a ser abordado e disponibilizado no site. Elaborei um roteiro simplificado de perguntas a serem feitas nas entrevistas com os antigos freqüentadores. Ele tratava de questões como a cidade de Viçosa no período em que o entrevistado freqüentava o Cine Brasil, as opções de lazer que a cidade oferecia, como era o Cine Brasil na época (o que ele representava para a cidade) e a que, na opinião de cada um, poderia ser creditado o declínio do cinema em Viçosa.

### **3.1.1 Entrevistas**

As entrevistas são a base deste trabalho, da construção do conteúdo do “Cinememória”. Os entrevistados foram escolhidos por sua ligação com o Cine Brasil. Abaixo eles são apresentados – na ordem em que foram entrevistados - juntamente com um relato das entrevistas concedidas.

#### **A) Tony Mello**

A primeira pessoa procurada foi Antônio Mello, conhecido como Tony Mello. Ele é dono de um grande acervo de fotos antigas de Viçosa, e cedeu fotos do Cine Brasil para a monografia da Beatriz Campos Fialho, apresentado no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV em 2008. Ele também foi indicado pela secretária de Patrimônio e por outras pessoas quando perguntadas sobre onde poderia obter registros fotográficos do cinema.

Entrei em contato com o Tony Mello, que disse que emprestaria as fotos para serem escaneadas e que também fora um freqüentador do cinema, portanto também poderia ser entrevistado. Marcamos a entrevista para o dia 27 de agosto, às 10h, no Laboratório do Curso de Comunicação Social, na Vila Giannetti. Ele levou duas fotos da fachada do prédio do Cine Brasil, uma em preto e branco e outra colorida, mais recente, porém ambas sem data, e um cartão postal com uma foto de 1954, que mostra o terreno sendo preparado para a construção do prédio. Conversamos por cerca de 40 minutos, ele se lembrou da abertura do Cine Brasil,

do primeiro filme exibido, “Papai Pernilongo”, um musical de 1955 com Fred Astaire e Leslie Caron, e contou vários casos envolvendo o cinema.

Tony Mello era um frequentador do Cine Odeon e foi assíduo do Cine Brasil. Ele contou que na década de 50 Viçosa oferecia basicamente duas opções de distração para os jovens: passeios ao redor da Praça Principal e ir ao cinema. Quando perguntado sobre porque o Cine Brasil entrou em decadência e fechou as portas em 1984, Tony Mello acredita que a televisão pode ser apontada como uma das grandes culpadas. Segundo ele, quando os filmes começaram a passar na televisão, muita gente não via mais razão para gastar dinheiro indo ao cinema.

Durante a entrevista ele citou um movimento pelo tombamento do prédio, que tinha como uma das pessoas mais envolvidas o dono do jornal “Tá na Cara”, mas não tinha seu contato. Ele se lembrou também do “Fernando Zutim”, filho de um senhor que foi gerente do Cine Brasi, e informou que não tinha seu contato mas que ele podia ser encontrado em uma barraca na feira de artesanatos que acontece aos sábados na Praça Silviano Brandão.

A conversa foi gravada em um MP3 Player Sony. Na tarde do mesmo dia ouvi o áudio e identifiquei que a qualidade estava muito baixa, não sendo possível compreender algumas partes do que era dito e tornando inviável sua utilização no website. Como já iria encontrar novamente com Tony Mello, para entregar as fotos que ele me havia passado, outra entrevista foi agendada para a semana seguinte, no dia 10 de setembro. No novo encontro, ele emprestou mais quatro fotos do Cine Brasil, todas sem data, mas uma visivelmente mais antiga, que mostra pessoas aparentemente saindo do cinema, quando o prédio ainda não havia sofrido nenhuma modificação na fachada. Conversamos novamente, dessa vez por cerca de 25 minutos. A entrevista foi gravada em um gravador que utiliza fitas cassete (do curso de Comunicação Social), e no gravador do mp4 Foston modelo FS – 68B, garantindo a qualidade do áudio.

## **B) Vicente de Castro**

Poucos dias após a segunda entrevista com Tony Mello, por uma coincidência, encontrei o dono do jornal “Tá na Cara”, Vicente de Castro. Expliquei sobre a pesquisa sobre o Cine Brasil e ele confirmou que estava envolvido em um movimento que defende o tombamento do prédio e sua reutilização para fins culturais. Ele também disse que possuía alguns cartazes originais de filmes que passaram no Cine Brasil, e alguns recortes de jornais que tratavam do cinema. Ele propôs que, em troca de me emprestar o material, eu escrevesse

uma matéria sobre o Cine Brasil para ser publicada no jornal “Tá na Cara” (que tem distribuição mensal e gratuita nas cidades de Viçosa e Ubá). Ele me passou dez cartazes de filmes exibidos no Cine Brasil e três recortes de jornais que falavam sobre o Cine Brasil e outros cinemas da cidade. Aceitei a proposta e produzi o texto, que foi publicado com o título “Cine Brasil: foi um filme que passou em nossas vidas”, na edição de outubro de 2009 (vide Anexo 1).

No último encontro com Vicente, quando fui lhe devolver o material que havia emprestado, o encontrei conversando com Hildécio Lopes dos Santos, que se mostrou interessado no projeto do site e que afirmou também ter sido grande freqüentador do Cine Brasil. Como estava com o gravador (que havia levado para uma outra entrevista, que não foi feita), aproveitei o momento e gravei um rápida entrevista. Vicente também me indicou que procurasse o dono do jornal Tribuna Livre, Lúcio Sant’Ana, que estava a frente do movimento pela reutilização do edifício do Cine Brasil para fins culturais.

### **C) Rubens Rocha**

O Sr. Rubens trabalhava na Companhia Ferroviária Leopoldina Railway, que passava por Viçosa. A entrevista aconteceu no dia quatro de setembro, e durou pouco mais de dez minutos.

Ele contou que os filmes às vezes chegavam no trem que passava a noite, e era preciso levá-los rapidamente ao Cine Brasil para serem exibidos no mesmo dia. E que para recompensá-los pelos esforços que faziam recebendo os filmes e os entregando, os funcionários da companhia ferroviária receberam uma carteirinha que lhes dava direito de ir ao cinema de graça. Sr. Rubens disse que não era um grande freqüentador do cinema, mas que era a melhor opção que a cidade oferecia de lazer, era um lugar aonde ir com os amigos ou com as namoradas.

### **D) Oswaldo Santana**

O artista plástico Oswaldo Santana foi o freqüentador mais jovem a ser entrevistado, tendo conhecido e freqüentado o Cine Brasil nos anos 70. A entrevista aconteceu no dia 15 de setembro, às 19h, no Braúna Café. A duração foi de 45 minutos.

Oswaldo relatou casos acontecidos no cinema, falou sobre a programação, lembrou de filmes exibidos (com destaque para os filmes de faroeste e de espionagem), e também de peças de teatro e de um show do cantor João Bosco que assistiu no Cine Brasil. Ele falou um

pouco sobre os outros cinema que Viçosa tinha na década de 70, o Cine Odeon e o Cine Prisma/Marajá (que era de propriedade de dois primos dele).

Viçosa havia crescido consideravelmente desde a abertura do cinema, nos anos 50, mas segundo Oswaldo ir ao cinema ainda era uma das principais distrações. Ele também credita a decadência e fechamento do Cine Brasil (e dos outros cinemas da cidade) à chegada da televisão e principalmente do vídeo-cassete a Viçosa. Para Oswaldo, as salas de cinema de hoje em dia perderam a “aura” de magia que salas como o Cine Brasil transmitiam. Ir ao cinema não é mais um evento, é apenas uma distração, algo para se fazer no shopping, um programa que está lado a lado com fazer compras.

### **E) Hildécio Lopes dos Santos**

A entrevista com Hildécio dos Santos aconteceu no dia 23 de setembro, na lanchonete do Supermercado Escola, e teve duração de oito minutos. Ele é professor de Ensino Médio aposentado e trabalhou na prefeitura nos anos seguintes ao fechamento do Cine Brasil. Ele falou sobre a primeira sessão do cinema, os seriados que eram exibidos e sobre o hábito que ele e muitos outros moradores de Viçosa tinham de ir ao cinema pelo menos uma vez por semana. Perguntado sobre as razões que, em sua opinião, resultaram no fechamento do Cine Brasil, ele afirmou que a popularização da televisão em Viçosa foi a responsável pelo fim do cinema. Ele contou que em 1988 trabalhava na Prefeitura e chegou a propor que o prédio fosse transformado em um Teatro Municipal, mas que o então prefeito, José Américo Garcia, disse que a Prefeitura não tinha condições de pagar o valor pedido pelo imóvel. Ele acredita que esse é um dos motivos que até hoje impedem a utilização do prédio para um fim cultural.

### **F) Lúcio Sant’Ana**

Seguindo a sugestão do Vicente de Castro, marquei entrevista com o dono do Jornal Tribuna Livre, Lúcio Sant’Ana, para o dia 25 de setembro, na redação do jornal.

A entrevista teve duração de 26 minutos. Lúcio falou sobre como o Cine Brasil marcou sua infância, um prédio grandioso e imponente, do sentimento de “magia” que sentia ao frequentá-lo - daí veio o desejo que tem de ver o prédio transformado em um Centro Cultural que sirva aos habitantes de Viçosa. Ele explicou como está o planejamento e a organização do movimento pela reutilização do prédio, as vias que pretende seguir - através de leis de incentivo e com apoio da Universidade Federal de Viçosa - para alcançar o objetivo. Ele acredita que a recuperação do prédio do Cine Brasil e sua transformação em um local

agradável, de valor histórico e com funções sócio-culturais, teria um impacto direto na “auto-estima” dos viçosenses.

Sobre o motivo de até hoje, 25 anos depois do fim do cinema, o prédio não ter sido utilizado com esse fim, Lúcio concorda com Hildécio: o valor do prédio é um impedimento. Ele se recorda da gestão do prefeito Geraldo Reis, em 1995, quando foi aprovada a lei que desapropriava o prédio do Cine Brasil, mas que por razões de que não tem conhecimento o projeto não foi efetivado. Além disso, ele acha que a cultura não é prioridade do governo municipal no momento.

Ao final da entrevista, Lúcio ofereceu gratuitamente um espaço no Jornal Tribuna Livre para falar sobre o projeto do site e pedir que as pessoas que tivessem fotos ou histórias sobre o Cine Brasil colaborassem. A nota saiu na edição do dia 9 de outubro de 2009 (vide Anexo 2).

#### **G) Fernando Luiz Paiva Vaz de Melo**

Fernando Vaz de Melo é filho do ex-gerente do Cine Brasil, Agostinho Vaz de Melo (conhecido como Zutim).

A entrevista com Fernando Vaz de Melo foi marcada para o dia 11 de setembro, às 15h, no Laboratório do curso de Comunicação Social. Perto da hora da entrevista ele ligou para o laboratório avisando que estava gripado e sentindo-se mal, e não poderia comparecer. Tive então a idéia de remarcar a entrevista para um domingo, dia em que as ruas do centro da cidade estão mais vazias. Desse modo poderia gravar a entrevista em vídeo (seria mais fácil reservar a câmera do curso no final de semana), tendo o Cine Brasil como “pano de fundo”. Fernando aceitou prontamente, e marcamos a conversa para o dia 20 de setembro, às 15h, na Praça do Rosário.

Peguei a câmera no sábado a tarde, pois ela seria usada no sábado de manhã por um grupo de alunos do 6º período, da disciplina de telejornalismo. O microfone de lapela, que queria utilizar, estava reservado para outro aluno também que gravava entrevistas para a monografia. O aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFV, Luiz Eduardo Soares de Araújo, fez a filmagem.

A entrevista durou 30 minutos. Começamos sentados no banco da Praça do Rosário, em frente ao Cine Brasil. Depois, andamos ao redor do prédio e Fernando mostrou alguns aspectos curiosos da construção, explicando o que era diferente e o que foi mantido ao longo dos

anos. Ele falou sobre as sessões, sobre o comportamento do público antes e durante as exibições. Ele explicou como as latas com os filmes chegavam a Viçosa, no início pelo trem e depois de ônibus e também contou vários casos acontecidos no cinema. Nos últimos meses de existência o Cine Brasil estava dando prejuízos, o dinheiro arrecadado com a bilheteria não era suficiente para pagar os filmes e os funcionários do cinema, e Fernando contou que foi preciso pedir dinheiro à matriz, em Ubá.

Para Fernando, o Cine Brasil marcou a história de Viçosa, mas ficou mesmo no passado. Ele acha que a cidade mudou muito, que as pessoas já não se interessam por cinema do jeito que faziam antes, preferem ver filmes em casa ou nem mesmo vê-los, e que o prédio está bem funcionando como sacolão.

#### **H) Beatriz Campos Fialho**

Beatriz fez como trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo na UFV um projeto de reutilização do prédio do Cine Brasil, transformando-o em um Centro Cultural. No jornal Tribuna Livre do dia 11 de setembro foi publicado um artigo assinado por ela e pelo professor do Departamento de Arquitetura Ítalo Stephan, que tratava dos aspectos do prédio e da necessidade de sua requalificação. Entrei em contato com ela e marcamos de nos encontrar no dia 1º de outubro, às 13h, no Centro de Ensino e Extensão – CEE da UFV.

Beatriz me emprestou uma pasta com vários documentos que reuniu durante o seu projeto. Alguns eu já havia conseguido no Arquivo da Câmara, mas outros, o projeto de lei que desapropria o prédio, por exemplo, não tinha encontrado. Conversamos por cerca de 20 minutos sobre o prédio do Cine Brasil, o projeto de reutilização e a importância que um Centro Cultural teria para a cidade.

#### **I) Yara Vaz de Melo Freppel**

Yara é filha de José da Costa Vaz de Melo (conhecido como Parrique), o prefeito à época da construção do Cine Brasil. A entrevista com ela foi marcada para o dia 23 de setembro, às 9h, em sua sala no primeiro andar do prédio da Reitoria da UFV. No dia e horário marcados ela não se encontrava lá e não souberam informar se ela voltaria. Após um período de espera, como ela não aparecesse, fui ao encontro do Vicente de Castro para devolver o material que me havia emprestado (ocasião em que encontrei com o Hildécio, como relatado acima). No dia seguinte telefonei para Yara e ela explicou que havia surgido

um imprevisto e tinha precisado viajar com urgência, não tendo tempo de cancelar a entrevista. Remarcamos para o dia seis de outubro, às 16h, no mesmo local.

A entrevista correu bem, tendo durado cerca de 50 minutos. Ela falou sobre seu pai, sobre a ligação que ele tinha com a cultura e como foi o processo que levou à construção do Cine Brasil. Yara contou vários casos acontecidos no cinema, falou sobre a programação exibida e também sobre outras atividades que aconteciam no espaço, como formaturas (inclusive a dela, de normalista), shows e teatros. Ela se lembrou com pesar da decadência do Cine Brasil, quando passaram a ser exibidos filmes eróticos e a sala perdeu o aspecto imponente. Yara se mostrou uma defensora da reutilização do prédio para fins culturais, apesar de também considerar difícil que ela de fato aconteça. Ela admite que o funcionamento do “sacolão” foi importante para preservar o prédio “de pé”, pois talvez hoje ele estivesse abandonado.

Nos anos 90 o prédio do Cine Brasil abrigou um bar, de propriedade de um amigo de Yara. Ela então escreveu um texto (que me entregue) para ser lido na inauguração, no qual falava sobre a história do Cine Brasil e relatava diversos casos lá acontecidos.

### **3.1.2 Arquivos**

#### **- Biblioteca Pública**

O primeiro arquivo procurado, onde sabia haver material sobre a história de Viçosa e onde possivelmente poderia encontrar referências ao Cine Brasil, foi a Biblioteca Pública de Viçosa. Os livros sobre a história da cidade, por serem antigos e terem poucos exemplares, não podem ser retirados do local, só podem ser consultados na Biblioteca. Nas leituras lá feitas, não encontrei nada que se referisse diretamente ao Cine Brasil, apenas uma pequena foto em um livro de fotos da cidade, produzido na década de 70. A foto era de autoria de Tony Mello, o que reforçou as sugestões que já havia recebido de que deveria procurá-lo. Dos outros materiais consultados, extraí informações sobre a história de Viçosa de um modo geral.

#### **- Jornais**

Partindo do princípio de que os jornais registram os fatos presentes e se constituem, em longo prazo, como arquivos históricos e fonte para pesquisas, incluí a procura de material nos arquivos dos jornais de Viçosa como parte do processo de levantamento de dados. O material

obtido na pesquisa poderia tanto ser utilizado diretamente no site, sendo disponibilizado para visualização, como auxiliar indiretamente na construção do conteúdo, contribuindo com informações.

Para a pesquisa escolhemos os jornais mais antigos de Viçosa ainda em circulação: Jornal Tribuna Livre e Folha da Mata.

Ainda no mês de agosto fui à redação do Jornal Tribuna Livre, onde me informaram que a consulta ao arquivo era liberada às segundas e às sextas-feiras. O Jornal Tribuna Livre foi criado em 1986, dois anos após o fechamento do Cine Brasil. Portanto, procurei notícias que tratassem do destino dado ao prédio e do impacto que seu fechamento poderia ter tido na cidade. Encontrei matérias e colunas defendendo o tombamento do prédio, já em 1986, e também matérias alusivas à lei que desapropriava o prédio para utilização com fins culturais. Coincidentemente, enquanto consultava o arquivo, edições atuais do Jornal Tribuna Livre trouxeram uma coluna sobre a arquitetura do prédio e o impacto e importância para a cidade de sua conservação, e também uma enquete que perguntava se seria bom para Viçosa que o prédio do Cine Brasil fosse transformado em um Centro Cultural. Para registro do material encontrado, pela maior facilidade de obtenção e melhor qualidade em relação à fotocópias, fiz fotos dos jornais utilizando uma câmera fotográfica SONY DSC – P70.

Em seguida procurei a redação do jornal Folha da Mata. O arquivo do jornal fica disponível para consulta pública às segundas e às terças-feiras. Devido a dificuldades de horário, acabei fazendo várias visitas ao jornal. O jornal foi criado em 1963, mas com o nome de Folha da Viçosa. Apenas no primeiro ano do jornal encontrei diversas notícias e comentários sobre o Cine Brasil. O jornal contava com uma coluna intitulada “Cidade em Foco”, que por várias edições apontou problemas e fez críticas à programação e ao funcionamento do ainda novo Cine Brasil. Levando em consideração a longevidade do jornal e a quantidade de edições que poderiam trazer informação sobre o Cine Brasil, mas considerando que não teria tempo hábil para examinar todo o arquivo, consultei as edições do primeiro ano de funcionamento e as do ano de fechamento do cinema. Com isso, acredito que foi possível estabelecer um panorama, ainda que pequeno, de como a trajetória do Cine Brasil foi abordada e retratada pelo jornal.

Ainda a procura de mais material jornalístico, e por indicação do professor do Departamento de História Jonas Queiroz, fui ao Laboratório Multimídia de Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Viçosa, o LAMPEH. O laboratório funciona no primeiro andar da

Biblioteca Central da UFV e reúne material ligado à história da universidade, mas também (em menor quantidade) relacionado à cidade. Com a ajuda da funcionária Edna, pesquisei alguns arquivos em microfilme, mas não encontrei nada relacionado ao Cine Brasil ou aos outros cinemas que Viçosa já teve.

### **- Câmara Municipal**

Também por indicação do professor Jonas Queiroz, procurei ao Arquivo da Câmara Municipal de Viçosa, que está localizado em uma sala do prédio da Câmara Municipal. Lá estão guardados e disponíveis para consulta documentos, registros e leis que datam desde a emancipação da cidade. A primeira ida ao Arquivo aconteceu no dia 28 de agosto, quando procurei apenas fotos de Viçosa na década de 1950 e do Cine Brasil. O funcionário Luciano, responsável pela organização do Arquivo, procurou em alguns álbuns fotográficos guardados e informou que não havia nada relacionado ao cinema ou ao período desejado.

No dia 25 de setembro voltei ao Arquivo da Câmara, dessa vez para procurar documentos relacionados à construção do Cine Brasil. A pesquisa é informatizada e bastante eficiente. Como resultado, encontrei várias cartas de solicitação, atas de reuniões e documentos da década de 50, que tratam do todo o período de construção do prédio que viria a abrigar o cinema. Dentre os documentos encontrados, uma carta do dono do Circuito de Cinemas Brasil, Agostinho Marques, descrevia o prédio e os materiais utilizados no interior da sala de cinema. Uma segunda visita de consulta ao Arquivo foi necessária, devido à quantidade de documentos encontrados, e foram feitas cópias, na própria sala do Arquivo da Câmara, de todos os documentos que pareceram importantes e/ou interessantes para o projeto. Assim como aconteceu com o material obtido nos arquivos dos jornais, alguns documentos foram disponibilizados no website e outros serviram de suporte para a redação do conteúdo.

#### **3.1.2 Edição**

Todas as entrevistas, exceto a de Fernando Vaz de Melo, fora gravadas no formato de áudio. Foram editadas no programa de edição de áudio Audacity, versão 1.3.4 (beta).

A entrevista do Fernando Vaz de Melo foi gravada em vídeo e capturada na TV Viçosa, utilizando o programa de captura e edição de vídeo Adobe Premiere Pro CS3. A qualidade de gravação não ficou muito boa e devido às dificuldades de edição do material em

vídeo, optei por extrair o áudio e, a princípio, não utilizar as imagens. A edição do áudio também foi feita usando o Audacity – 1.3.4 (beta).

## **3.2 Construção do site**

### **3.2.1 Hospedagem**

A escolha do nome, registro domínio e “aluguel” do servidor aconteceram paralelamente às primeiras entrevistas, em setembro. O provedor de hospedagem (servidor) escolhido foi o Bysite, pela familiaridade que o professor Carlos d’Andréa já tinha com seu funcionamento. Foi pago o valor de R\$ 69,90 pelo plano de um ano de hospedagem do site..

Para escolha do nome pensamos em várias opções. Inicialmente, a idéia era que a palavra Viçosa estivesse presente no domínio, mas, além de difícil de usar (‘cinemaviciosa’, por exemplo, poderia remeter ao cinema atual da cidade), seria um limitador para usos futuros do site (que pode vir a tratar da memória de outros cinemas). O “Cinememoria” foi escolhido pois remete a dois aspectos básicos do projeto – cinema e memória-, é curto e de fácil memorização. O domínio não estava sendo usado, então efetuamos o registro, através do site [www.registro.br](http://www.registro.br), ficando o site definido como [www.cinememoria.com.br](http://www.cinememoria.com.br). Após o pagamento de uma taxa no valor de R\$ 30, o domínio fica garantido por um ano. Domínio e servidor comprados, foi o momento de escolher o gerenciador com o qual trabalhar.

### **3.2.2 Ferramentas**

Para o desenvolvimento do website optamos por utilizar um gerenciador de conteúdo, a fim de tornar a manutenção da parte técnica menos complexa. O gerenciador não exige conhecimento de linguagens de programação como o HTML, e permite a atualização fácil dos conteúdos. Diante de várias opções de gerenciador, escolhemos o Wordpress, um gerenciador tradicionalmente usado em blogs, mas que tem sido empregado com bastante eficiência também na construção e gerenciamento de sites mais “complexos” (como é o caso do site do Ministério da Cultura). A versão instalada no servidor foi a 2.8.4.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Versão disponível para download grátis em < <http://wordpress.org/download/> >

Após a instalação do Wordpress, o layout do site foi definido pela escolha do tema (template). Preferimos utilizar um tema pré-pronto, disponível na internet, porque não tenho conhecimento para desenvolver um e isso tomaria um tempo que poderia ser dedicado a trabalhar o conteúdo, por exemplo. Cinco temas foram testados antes de definir o uso do tema Atahualpa versão 3.4.4<sup>7</sup>, que foi indicado pelo colega Agnaldo Montesso. O tema foi escolhido porque oferece mais possibilidades de customização que a maioria.

Os arquivos em áudio disponibilizados no “Cinememoria” foram hospedados no site do Dzaí ([www.dzai.com.br](http://www.dzai.com.br)). O Dzaí é um portal de publicação aberta de conteúdo (áudio, vídeo, texto e imagem), grátis, mantido pelo grupo “Diários Associados” e hospedado no portal UAI ([www.uai.com.br](http://www.uai.com.br)). É um site de manuseio simples, que permite que os arquivos hospedados sejam disponibilizados em outros sites (através do recurso “embed”, que insere o conteúdo em outra página da web) e cujo “tocador” pode sofrer alterações de tamanho para se enquadrar melhor no site em que será usado.

Os arquivos de vídeo, como trailer de filmes que passaram no Cine Brasil, foram encontrados no site Youtube ([www.youtube.com](http://www.youtube.com)). O “tocador” de vídeos pode ser disponibilizado diretamente no site “Cinememoria” ou pode direcionar para o site do Youtube, dando ao usuário autonomia para que decida de que forma quer navegar pelo “Cinememoria” (vendo os conteúdos ‘in loco’, abrindo diversas janelas, etc.)

Outros formatos e ferramentas poderão ser experimentados durante a execução do website e mesmo posteriormente, uma vez que o suporte internet permite que o trabalho esteja em constante construção.

### **3.2.3 Conteúdo**

Para disponibilização no site, o material foi dividido nos “grandes temas” Cine Brasil, Viçosa, Programação e Casos. Eles também são itens que fazem parte do “menu” do site, pensados para direcionar a navegação em um sentido lógico, mas também permitindo que ela seja feita de maneira independente por cada usuário (que pode escolher o conteúdo que mais lhe interessa). A seguir explico de maneira sucinta o que pode ser encontrado em cada um dos “grandes temas”:

---

<sup>7</sup> Versão disponível para download grátis em < <http://wordpress.org/extend/themes/atahualpa> >

- Cine Brasil: os aspectos da construção do prédio, sua arquitetura, a inauguração, a decadência e o valor histórico são abordados nos subtópicos desse tema no site.

- Viçosa: como a cidade era no período em que o Cine Brasil funcionou (dos anos 50 aos 80) e as opções de lazer oferecidas são os assuntos dessa parte do site.

- Programação: o que podia ser visto nas telas do cinema, os filmes e seriados, além dos outros usos do Cine Brasil (para shows e formaturas).

- Casos: durante as entrevistas os freqüentadores se lembraram de situações acontecidas no Cine Brasil ou relacionadas a ele. Essa parte do site reúne alguns desses “depoimentos”.

A estrutura de navegação criada para o site pode ser visualizada no Anexo 3.

A página inicial do site foi pensada para informar e explicar de maneira breve do que trata o projeto. Os itens do menu de navegação foram colocados na área superior da página, e também na lateral direita. Abaixo do menu superior uma logo (criada pela colega Mariana Azevedo, com base em fotos do prédio) representa o Cine Brasil, e abaixo dela fica um banner com fotos do cinema. Uma caixa de pesquisa também foi disponibilizada, facilitando a busca de conteúdo através de palavras-chave.

Abaixo reprodução da página inicial e de uma das páginas internas do site (tópico “Inauguração”).



Figura 03: Reprodução da Página Inicial

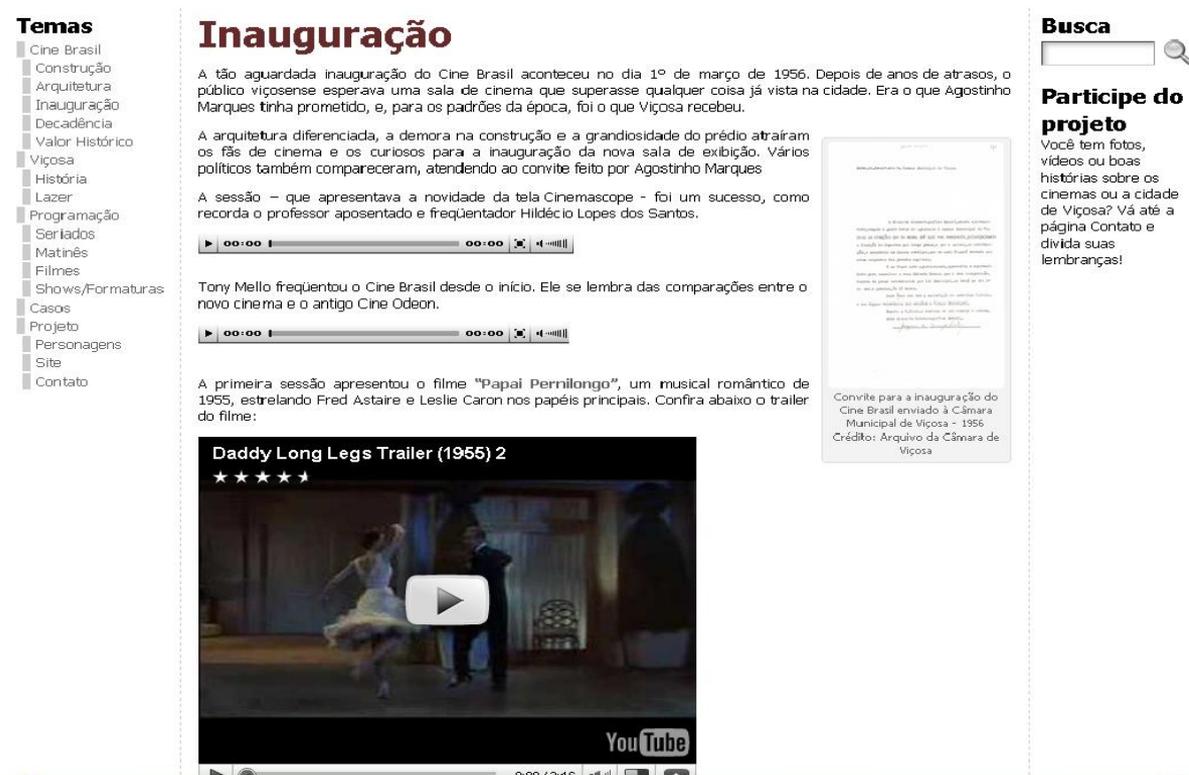


Figura 04: Reprodução da Página “Inauguração”

## CONCLUSÃO

(...) a contemporaneidade seria marcada por uma dilatação do campo do memorável, com uma multiplicação de práticas voltadas para o passado. A restauração dos centros urbanos, a moda retrô, o sucesso das narrativas históricas e da literatura memorialista, a multiplicação dos espaços de comemoração, o crescimento de documentários no cinema e na televisão são alguns exemplos do que se tem chamado de cultura da memória.  
(RIBEIRO; BARBOSA, 2007, p. 102)

O retorno ao passado, a necessidade de se reafirmar o presente com base no que fomos e nos constitui é característica marcante da contemporaneidade. As incertezas e inseguranças advindas de uma era em que tudo é volátil, seja no campo profissional ou pessoal, parecem encontrar repouso na memória de um passado mais estável e confiável. Pena (2003, p. 2) afirma que “no mundo dos megabytes, nunca foi tão fácil armazenar memória, entretanto, a amnésia nunca esteve tão presente. O excesso de informação convive com o esquecimento imediato”, no entanto (ou talvez em decorrência disso) nunca foi tão visível a busca da recuperação da memória a fim de recuperar as identidades que ela traz consigo.

Preservar, não de maneira real, material (que esse pode ser papel da arquitetura, que tem suas próprias discussões teóricas e implicações éticas), mas de maneira simbólica a memória advinda dos monumentos, dos edifícios, e de tudo o que eles significaram e ainda significam para as cidades e seus habitantes pode ser o papel da comunicação nesse contexto. Servir de apoio aos lugares e de base para que a memória se sustente e manifeste na mente humana.

O “Cinememória” não é e nem se propôs a ser a versão definitiva da história do Cine Brasil que funcionou em Viçosa (MG). A proposta foi recolher e reunir as memórias pessoais dispersas que, juntas, ajudam a construir um mosaico e montar um panorama da história da cidade em um determinado período de tempo.

Um risco de se construir a história baseando-se nas memórias pessoais são as imprecisões (datas confundidas, nomes trocados...). Mas cruzando informações, fazendo o trabalho jornalístico de apuração, pode-se aproximar de uma verdade. O trabalho jornalístico também pode ser visto no uso das características do webjornalismo apontadas por Palacios (2003), com destaque para elementos de multimídia (conteúdo disponibilizado em vários formatos e utilizando ferramentas diversas), hipertextualidade (“links” levam a conteúdos internos e externos do site que aprofundam os assuntos tratados) e memória (em

um sentido um pouco diferente do descrito pelo autor, caracterizando-se mais como um lugar de recuperação e propagação da memória e menos como um simples arquivo).

O “Cinememoria”, pela própria natureza virtual, pode abrigar mais informações sobre o Cine Brasil ou quem sabe sobre os outros cinemas que Viçosa já teve. Algumas descobertas feitas durante o desenvolvimento do trabalho – por exemplo, que o Circuito de Cinemas Brasil Ltda. era dono de mais de 20 cinemas na Zona da Mata Mineira – deixam em aberto ainda a possibilidade de se debruçar sobre esses outros cinemas. Que importância tiveram para as cidades que os abrigaram? Que fim levaram?

Os tempos mudaram, o modo de fazer e de ver cinema mudou. Mas a importância que essa forma de arte teve e ainda tem no dia-a-dia da nossa sociedade não pode ser esquecida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P. S.; BUTCHER, P. **Cinema, desenvolvimento e mercado**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003.

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf> > Acesso em: 08 de novembro de 2009

CASÉ, P. **A cidade desvendada: reflexões e polêmicas sobre o espaço urbano, seus mistérios e fascínios**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade:UNESP, 2006.

D'ANDRÉA, C. F. B. Novas Tecnologias, Mundialização e Conteúdos Locais. In: CIFORM Informação, conhecimento e sociedade digital, VI, 2005, Salvador. **Anais...** Disponível em: < [http://www.cinform.ufba.br/vi\\_anais/docs/CarlosdAndrea.pdf](http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/CarlosdAndrea.pdf) > Acesso em: 10 de novembro de 2009.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIMA JUNIOR, W. T. . Tecnologias Emergentes desafiam o Jornalismo a descobrir novos formatos de conteúdo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, XXXI, 2008, Natal. **Anais...** Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0687-1.pdf> > Acesso em: 10 de novembro de 2009.

JORNAL TRIBUNA LIVRE. Cinema: a nostalgia da grande arte., Viçosa, 19 ago. 1994 In: FIALHO, B. C. **Do Cine Brasil ao Centro Cultural – memória, criação e interatividade**. 2008. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

OLIVEIRA, M. F. P., Institucionalização da Memória – Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência: questão patrimonial. **Revista Eletrônica em Ciências Humanas** - Ano 02, número 03, 2003. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/N%C3%BAmero%2003%20especial%20mem%C3%B3ria/Maria%20Fernanda.htm>> Acesso em: 26 de maio de 2009

POLLAK, M., **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 5, n.10, 1992, p.200-212. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>> Acesso em: 25 de maio de 2009.

PALACIOS, M. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da Memória. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Org.). **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Edições GJOL, Editora Salamandra, 2003. p. 15 – ...

PENA, F. Fragmento de memórias e tempos na construção do discurso biográfico. In: XXV Congresso da Intercom, 2003. **Anais...** Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP02\\_pena.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_pena.pdf)> Acesso em: 18 de maio de 2009.

RIBAS, B. O contexto digital e os gêneros jornalísticos: considerações sobre a retórica da narrativa na web. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2006, Porto Alegre. **Anais...** Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2006\\_ribas\\_sbpjor\\_portoalegre\\_narrativa.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2006_ribas_sbpjor_portoalegre_narrativa.pdf) > Acesso em: 08 de novembro de 2009.

RIBEIRO, A. P. G.; BARBOSA, M. Memória, relatos autobiográfico e identidade institucional. **Rev. Comunicação & Sociedade**, São Paulo, SP, v. 47, p. 99-114, 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/download/737/744> Acesso em: 15 de maio de 2009

SANTOS, A. C. S. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. Curitiba: DAP, 2005 (texto para discussão). Disponível em: < [http://www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/txt\\_ACASantos.pdf](http://www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/txt_ACASantos.pdf) > Acesso em: 18 de junho de 2009

SIMÕES, I. **Salas de cinema em São Paulo**. São Paulo: PW/Secretaria Municipal de Cultura/Secretaria de Estado de Cultura, 1990.

SPINELLI, E. M.; RAMOS, D. O. A reportagem Multimídia no Clarín.com e a pesquisa por uma linguagem digital. In: COLÓQUIO BRASIL-ARGENTINA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, I., 2007, Santos. **Anais...** Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0717-1.pdf> > Acesso em: 07 de novembro de 2009.

THOMSOM, A; FRISCH, M; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 65 – 92

## ANEXOS

### Anexo I

Matéria publicada no Jornal "Tá na Cara"

Edição de nº 45

Outubro de 2009

#### Cine Brasil: foi um filme que passou em nossas vidas

Mônica Bento\*



Há 25 anos o Cine Brasil exibiu sua última sessão. Há 25 anos os cartazes dos últimos lançamentos deixaram de ocupar um espaço no 'hall' de entrada, de atrair os olhares dos espectadores, de anunciar para mais uma estréia.

Em 1956 Viçosa ganhava um novo cinema. Um prédio diferente, moderno, ocupando lugar de destaque na Praça do Rosário. Além da tela de cinema, que recebia modernas projeções em Cinemascope, o prédio também abrigava um palco que podia receber shows e teatros. O cantor Jerry Adriane foi um dos artistas que ali se apresentaram, lotando não só a sala de cinema, mas também o hall de entrada e os arredores do prédio.

O Cine Brasil foi inaugurado em Viçosa, em 1956, após um pequeno atraso em suas obras de construção. Mais um entre os cinemas do Circuito de Cinemas Brasil, de propriedade de Augusto Brascine, com matriz na cidade de Ubá, o Cine Brasil de Viçosa se destacava pela modernidade e grandiosidade de seu prédio, construído para abrigar cerca de 600 pessoas sentadas. A tela própria para receber projeções no formato Cinemascope era mais larga que as dos outros cinemas que Viçosa havia conhecido, deixando as imagens dos filmes ainda mais impressionantes.

A programação do Cine Brasil sempre foi variada. Toda semana filmes

de aventura, drama, comédia, faroeste, os épicos "sandália e espada", (como "A Revolta dos Gladiadores" e "Hércules - o Homem Invencível") convidavam o público viçosense para mais uma sessão. Filmes de ficção científica, com seus enredos mirabolantes e efeitos especiais deslumbrantes para a época, despertavam a curiosidade dos espectadores. Os filmes nacionais também tinham seu espaço, e qualquer filme que estrelasse Mazzaropi era sucesso garantido. Alguns filmes ficavam tão cheios que não era raro ver pessoas assistindo aos filmes de pé, ou esperando desde cedo pela próxima sessão. Para as crianças, a matinê de domingo era a oportunidade de assistir desenhos animados enquanto comiam pipoca ou doces, vendidos pelo baleiro durante a sessão.

Nos primeiros anos do Cine Brasil, outra atração de sucesso garantido eram os seriados de faroeste. Uma vez por semana o público enchia a sala para acompanhar mais um episódio de aventuras em um cenário árido, com heróis que combatiam o mal em lugares sem lei. E cinema também era lugar de futebol! Antes das sessões eram transmitidos informativos que traziam, até Viçosa, notícias de acontecimentos do país e do mundo, e lá estavam os últimos gols da Seleção Brasileira, para impressionar os espectadores acostumados a acompanhar as partidas pelo rádio ou por televisores pequenos e com qualidade de imagem duvidosa.

Em 1984 o Cine Brasil viu sua última sessão. O desinteresse pelas produções que nele passavam, a populariza-



Cine Brasil na década de 50

ção da televisão, a chegada do videocassete... Diversas causas podem ser apontadas para explicar o declínio do cinema, antes uma forma de lazer tão popular na cidade. Mas não foram só os amantes de cinema de Viçosa que perderam nesse período. Em 1975 o Brasil contava com cerca de 3500 salas de cinema. Em 2003, segundo dados da Agência Nacional de Cinema - ANCINE, esse número havia se reduzido a 1,7 mil salas.

Em 2009 o prédio que abrigou o Cine Brasil completou 53 anos de sua inauguração. Nunca se fizeram tantos filmes como hoje em dia. Nunca se gastou tanto com as produções cinematográficas. Mas a Sétima Arte vem perdendo seu principal templo de celebração: as salas de cinema.

\*Acadêmica de Comunicação Social  
Jornalismo da UFV.

## Anexo II

Matéria publicada no jornal “Tribuna Livre”

Edição n° 955

9 de outubro de 2009



O Cine Brasil quando ainda apresentava filmes que marcaram diversas gerações viçosenses

# Cine Brasil terá um site

A estudante do 8º período de Comunicação Social da UFV, Mônica Bento, abre espaço para a história. Ela tem como tema de seu trabalho de conclusão de curso o Cine Brasil.

O Cine Brasil funcionou mais de 25 anos antes de ser desativado, da década de 50 à década de oitenta. E, para formar arquivos com as lembranças e depoimentos de eventos que ocorreram

neste espaço cultural, a estudante está desenvolvendo um *Website* sobre o cine. O endereço que futuramente ficará disponível é [www.cinememoria.com.br](http://www.cinememoria.com.br).

O trabalho é mais um incentivo para o sonho de muitos viçosenses que desejam que o prédio volte a ser usado como um espaço cultural. Nativos, sem filiação a partidos e ou bandeiras, estão desfraldando, sim,

esta bandeira.

Caso você tenha fotos, materiais, histórias e casos interessantes sobre o Cine Brasil, entre em contato com a universitária Mônica Bento pelo telefone 3891 7691 ou pelo e-mail [monica.bento@ufv.br](mailto:monica.bento@ufv.br)

Também, sendo interesse do leitor, ele poderá enviar tais fatos ao Tribuna, que abraça a causa de tombamento do prédio do ex-Cine Brasil.

## Anexo III

Mapa das páginas do site

### Conteúdo do site

#### Cinema

##### **Construção:**

- Arquivos da Câmara (documentos já digitalizados)
- Yara (áudio)
- Fernando (áudio)
- Foto do terreno – 1

##### **Prédio/Arquitetura:**

- Beatriz –
- Tony Mello (áudio)
- Fotos – (escolher 2 + 1 atual)

##### **Inauguração/ 1ª Sessão:**

- Yara (áudio)
- Tony Mello (áudio)
- Hildécio (áudio)
- cartaz/trailer Papai Pernilongo

##### **Decadência:**

- Fernando (áudio)
- Oswaldo (áudio)
- Folha da Mata

##### **Tombamento/Valor Histórico:**

- Arquivo da Câmara (documento projeto)
- Arquivo Tribuna Livre
- Lúcio (defesa do projeto áudio)
- TFG Beatriz (áudio)

#### Vicosa

##### **História:**

- Fotos
- 1 página anos 50 e 60
- 1 página anos 70 e 80

##### **Lazer:**

- Tony Mello (áudio)
- Yara – (áudio)
- Oswaldo (áudio – anos 70)

#### Programação

##### **Seriados:**

- Tony Mello (áudio)
- Yara (áudio)

##### **Matinês:**

- Tony Mello (áudio)
- Yara (áudio)

##### **Filmes:**

- Cartazes/trailers
- Fernando
- Tony Mello
- Oswaldo

##### **Shows/Formaturas:**

- Fotos (normalistas)
- Yara (áudio)
- Oswaldo (áudio shows)

#### Casos

- Tony Mello (dormir no cinema)
- Yara (mímica na projeção)
- Rubens (chegada dos filmes + carteirinha)